



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
CURSO DE PSICOLOGIA

MARIA EDUARDA LEÃO DE CASTRO

O FEMININO EM LÓRI E OS (DES)ENLACES DO AMOR

CAMPINA GRANDE

2022

MARIA EDUARDA LEÃO DE CASTRO

O FEMININO EM LÓRI E OS (DES)ENLACES DO AMOR

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Departamento do Curso de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Área de concentração: Psicanálise.

Orientador: Prof. Me. Edivan Gonçalves da Silva Júnior

CAMPINA GRANDE

2022

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

C355f Castro, Maria Eduarda Leao de.
O feminino em Lóri e os (des)enlaces do amor
[manuscrito] / Maria Eduarda Leao de Castro. - 2022.
24 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, 2022.

"Orientação : Prof. Me. Edivan Gonçalves da Silva Júnior, Coordenação do Curso de Psicologia - CCBS."

1. Feminino - amor. 2. Psicanálise. 3. Estudos lacanianos.
4. Estudos freudianos. I. Título

21. ed. CDD 150.195

MARIA EDUARDA LEÃO DE CASTRO

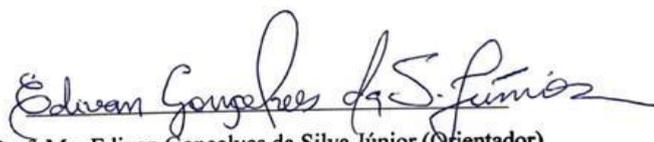
O FEMININO EM LÓRI E OS (DES)ENLACES DO AMOR

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Departamento do Curso de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Área de concentração: Psicanálise.

Aprovada em: 02/10/2022

BANCA EXAMINADORA



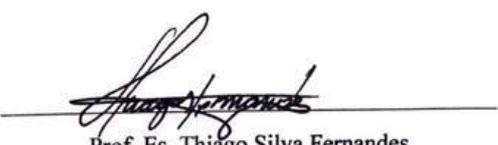
Prof. Me. Edivan Gonçalves da Silva Júnior (Orientador)

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dra. Jailma Belarmino Souto

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Es. Thiago Silva Fernandes

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Dedico este trabalho a todos que acreditaram em mim quando me faltou certeza, vocês construíram esse caminho junto comigo.

Poucos querem o amor, porque amor é a grande desilusão de tudo o mais. E poucos suportam perder todas as outras ilusões. Há os que se voluntariam para o amor, pensando que o amor enriquecerá a vida pessoal. É ao contrário: o amor é finalmente a pobreza. Amor é não ter. Inclusive amor é a desilusão do que se pensava que era amor. LISPECTOR, 1964/2016.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
1 A FALTA NA CONSTITUIÇÃO SUBJETIVA FEMININA	7
1.1 O complexo de Édipo feminino em Freud	7
1.2 O complexo de castração em Lacan	9
1.3 O não-todo feminino	11
2 O AMOR COMO SIGNIFICANTE À FALTA FEMININA	12
3 O GOZO DE LÓRI ENLANÇADO PELAS PALAVRAS DE ULISSES	16
CONSIDERAÇÕES FINAIS	19
REFERÊNCIAS	21

O feminino em Lóri e os (des)enlaces do amor

Maria Eduarda Leão de Castro¹

RESUMO

O amor e o modo de as mulheres se relacionarem com ele adquire diversas formas ao longo da história, entretanto, há uma constante nos discursos, elas continuam falando de amor. A construção desse estudo detém-se ao lugar ocupado pelo amor na trajetória de uma mulher, considerando a proximidade existente entre a psicanálise e o feminino, constata-se um caminho possível a ser traçado. A psicanálise aponta que há uma relação íntima entre o feminino e a incompletude, destaca-se o amor como um recurso feminino frente a essa falta. Assim, através de uma revisão teórica com ênfase nos estudos psicanalíticos de Freud e Lacan, o estudo tem como objetivo discutir sobre o amor, o desejo e o gozo na posição feminina através da análise da personagem Lóri da célebre obra “Uma aprendizagem ou o livro dos Prazeres” de Clarice Lispector, publicada em 1969. Discute-se no presente trabalho as decorrências da dupla falta que incide sobre o feminino, e é dado enfoque principal na busca do amor como forma de suplência a essa falta. Cabe salientar que nesse movimento a devastação é também uma resposta possível a mulher, tendo em vista o excesso que atravessa o gozo. A única conclusão possível diante do amor é que não há certezas, surge da implicação de cada mulher, no uma a uma, inventar um caminho possível para si ao se deparar com o amor.

Palavras-chave: Feminino; Amor; Psicanálise; Literatura.

ABSTRACT

Love and the way women relate to it take on different forms throughout history, meantime, there is a constant in the speeches, they keep talking about love. The construction of this study focuses on the place occupied by love in the path of a woman, considering the proximity between psychoanalysis and the feminine, there is a possible path to be traced. Psychoanalysis points out that there is an intimate relationship between the feminine and incompleteness, love stands out as a female resource in the face of this lack. Thus, through a theoretical review with emphasis on the psychoanalytic studies of Freud and Lacan, the study aims to discuss love, desire, and jouissance in the feminine position through the analysis of the character Lóri from the famous work “An apprenticeship or the book of Pleasures”, by Clarice Lispector, published in 1969. This paper discusses the consequences of the double fault that affects the feminine, and the main focus is given to the search for love as a way to replace this lack. It should be noted that in this movement devastation is also a possible response to women, because of the excess that crosses the jouissance. The only possible conclusion in the face of love is that there are no certainties, which arises from the implication of each woman, one by one, inventing a possible path for herself when faced with love.

Keywords: Feminine; Love; Psychoanalysis; Literature.

¹ Graduanda em psicologia pela Universidade Estadual da Paraíba.

INTRODUÇÃO

Estou sendo alegre neste mesmo instante porque me recuso a ser vencida: então eu amo. Como resposta. Amor impessoal, amor it é alegria: mesmo o amor que não dá certo, mesmo o amor que termina (LISPECTOR, 1973/2019, p.92).

O amor é algo que se fala há muito tempo, indica Lacan (1972-1973/2008), em outras palavras, o amor se inscreve nos discursos de diferentes formas ao longo da história, principalmente através das artes por meio da literatura, do cinema, do teatro e das músicas, o tempo todo está se falando de amor. A mulher ao longo da história ocupa diferentes lugares no discurso amoroso, até o momento que ela começa a falar de amor e não apenas disso, falar sobre a sua intimidade com o amor. Através dos ditos de amor proferidos pelas mulheres, nota-se que o amor ocupa um grande espaço na vida delas.

É através desse espaço ocupado pelo amor na vida das mulheres surge o desejo para escrever esse artigo, através da relação íntima da psicanálise com o feminino, é vislumbrado um campo potente de discussão que aproxima as temáticas do amor e do feminino. Na tentativa de compreender o que é do amor que enlaça o feminino com tanta força, Lacan situa que “falar de amor é, em si mesmo, um gozo” (LACAN, 1972-1973/2008, p.90), põe-se em questão o que é isso que move constantemente as mulheres, incessantemente, quando se trata de amor.

A psicanálise surge ao final do século XIX, através das investidas de Freud acerca dos sintomas histéricos exibidos majoritariamente pelas mulheres da época. Por meio do método catártico de Breuer, e com os ensinamentos de Charcot sobre a hipnose, Freud propõe-se a escutar as queixas dessas mulheres, crendo que não se tratava apenas de analisar sintomas orgânicos, algo a mais se inscrevia na causa histórica, ali o psicanalista já se encontrava diante do enigma do feminino. Freud então segue com a criação da sua clínica e elabora os “Estudos sobre a histeria” (1893-1895) em conjunto com Breuer, com o estudo do caso de cinco mulheres: Anna O., Emmy Von N., Lucy, Katharina, Elisabeth Von R. A escuta cuidadosa a estas cinco mulheres trouxe contribuições fundamentais para que fosse elaborado o método psicanalítico (DUARTE, 2017).

Freud detém-se a questão do enigma da sexualidade feminina com mais ênfase no início do século XX, colocando a questão do “como ela se torna mulher” (FREUD, 1931/2018a, p. 318). Assim, aprofunda-se sobre a teoria do complexo de Édipo na menina, e desenvolve os seguintes artigos: “Algumas Consequências Psíquicas da Distinção Anatômica entre os Sexos” (1925); “Sobre a sexualidade feminina” (1931) e “A feminilidade” (1933). A partir desses textos, Freud constata algo de suma importância para a constituição feminina, a relação estabelecida entre a falta e a mulher, marcada pela perda do amor.

Mesmo com as primeiras incursões sobre a temática, não foi encontrada a resposta para o que Freud considerou se tratar do enigma que é a feminilidade. A questão em torno do feminino impulsiona, assim, os psicanalistas pós-freudianos sobre o estudo da sexualidade feminina. Entre eles, será dado foco às discussões que Lacan elaborou sobre essa questão. Lacan

em seu seminário 20, “Mais, ainda” (1972-1973/2008), dedica-se inteiramente ao estudo da sexualidade feminina, em que desenvolve seu célebre aforisma “A mulher não existe”, indicando a falta de significante que represente o feminino no inconsciente. Nesse sentido, ele apresenta a novidade do “algo a mais” que estaria presente na sexualidade feminina, o gozo Não-Todo que é indizível, estabelecendo o ilimitado do gozo como parte da constituição feminina.

O que fazer diante do enigma que o feminino nos oferece? Seguimos pensando com Freud (1933/2018) que indica os poetas, com a sua arte e criatividade, para se aventurarem nesse continente obscuro. Assim, Clarice Lispector foi escolhida para discutir aquilo que da experiência feminina está tão envolvida com o amor, por intermédio de sua obra “Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres” publicada no ano de 1969. Clarice lança com seus escritos a angústia de existir especialmente de um ponto de vista feminino, daí encontramos um espaço profundo de discussões que lançam o feminino, assim como tem sido discutido na Psicanálise, numa perspectiva complexa, também apresentado como um enigma.

A narrativa é conduzida em uma jornada de aprendizagens entre Lóri e Ulisses, por meio da perspectiva de Lóri, envolvendo o leitor para o íntimo de seus sentimentos e emoções. Clarice ao transportar para a subjetividade de Lóri, permite ao vivenciar com ela os prazeres, as dores e as angústias de se estar viva e de deparar com o desconhecimento sobre si diante da vastidão do mundo.

Perante a tantos sentimentos, o amor vai ao encontro a Lóri, no formato de Ulisses. Descobre-se, então, os caminhos possíveis que o amor pode (des)andar através de uma mulher. O amor para Lacan (1972-1973/2008) vem em suplência da incompletude, é através dessa perspectiva que os encontros e desencontros de Lóri e Ulisses serão analisados. Compreendendo que a posição feminina está marcada duplamente pela falta, a falta-a-ser, constitutiva de todo sujeito, demarcada pela passagem pelo complexo de Édipo e pela falta de significante que a identifique como mulher. O amor será uma possibilidade para o feminino dar uma resposta a essa falta.

O presente estudo compreende uma revisão teórica com ênfase nos estudos psicanalíticos de Freud e Lacan e objetiva discutir sobre o amor, o desejo e o gozo na posição feminina através da análise da personagem Lóri da célebre obra “Uma aprendizagem ou o livro dos Prazeres” de Clarice Lispector. Discute-se no presente trabalho as decorrências da dupla falta que incide sobre o feminino, e é dado enfoque principal na busca do amor como forma de suplência a essa falta.

1 A FALTA NA CONSTITUIÇÃO SUBJETIVA FEMININA

1.1 O complexo de Édipo feminino em Freud

A teoria do complexo de Édipo é articulada por Freud concomitantemente aos pressupostos do complexo de castração. Com tais asserções, Freud (1923/2011a) introduz a primazia do falo, o considerando como organizador da sexualidade, assim, atribui ao falo um lugar para além da genitalidade.

Apoiado na tragédia de Sófocles, Édipo rei, Freud, propõe o universal dentro da sexualidade, afirma que todo ser, no registro pulsional, é possuidor de uma relação de amor e ódio com o par parental, interpelado pelo recalque. Assim, o paradoxo entre o amor e ódio dirigidos ao par parental institui o complexo afetivo formado no triângulo mãe-pai-criança e tem no falo o elemento articulador, dos quais provém as demandas dirigidas entre os atores do

complexo. O recalque, por sua vez, é ilustrado pelo parricídio e o incesto com a mãe (QUINET, 2015).

Em primeiro momento o complexo de Édipo é estudado por Freud a partir do menino, sendo aplicado da mesma forma para homens e mulheres, o complexo de Édipo na menina é posto no lugar de enigma. O enigma da sexualidade feminina atravessa a teoria de Freud desde o princípio com as mulheres histéricas. É diante da falta de conhecimento sobre a sexualidade feminina, que a caracteriza como um “dark continent [continente escuro]” (FREUD, 1926/2014, p.130). Ao avançar da sua teoria, Freud busca responder a famosa questão: “o que quer uma mulher?” feita a Marie Bonaparte.

É através da construção da segunda tópica freudiana que será estabelecida uma diferenciação entre o Édipo masculino e o Édipo feminino, consistindo em posições que o sujeito assume diante da castração. Vale salientar a pontuação feita por Freud (1925/2011b), em que frente ao complexo de Édipo, independente do sexo, é possível ocupar uma posição feminina ou masculina.

Nesse sentido, Freud (1923/2011b) relata que a princípio, meninos e meninas, acreditam que todos possuem um pênis e têm como o primeiro objeto de amor a mãe. No entanto, encontrarão saídas diferentes diante disso. Perante a diferença anatômica, frente a visão dos genitais femininos, serão criadas teorias sobre a sexualidade como recurso para lidar com a ausência do pênis nas meninas. Os meninos arranjam explicações como “ainda vai crescer” e negam a ausência evidenciada.

Eventualmente, após ameaças externas da perda do pênis, a crença de que um dia as meninas tiveram um pênis e delas foi retirado vai se instituindo. Assim, um temor surge, o medo da castração ocorrer em si mesmo, o medo da perda do falo. É apoiado nesse temor da castração que a dissolução do complexo de Édipo para o menino irá acontecer. O Eu se afasta do complexo de Édipo, como discorre Freud (1923/2011c), principiando o período de latência em que há o redirecionamento da libido para outros objetos, instaurando o supereu, o herdeiro do complexo de Édipo.

Contrariamente ao Édipo masculino, o Édipo feminino não tem sua dissolução no complexo de castração, é por meio dele que a menina se insere no Édipo, assinala Freud (1925/2011d). É mediante a constatação de não ter sido feita com o pênis, um objeto valorizado o qual deseja ter, que a relação com a falta se estabelece, a castração marcada em seu corpo. A menina, então, estará marcada pelo medo da perda do amor.

Freud (1931/2018a) ao abordar o Édipo feminino particulariza sua complexidade, indica duas etapas dentro dele, a primeira corresponde a um momento pré-edípico em que a mãe é o objeto de amor da menina e o clitóris, sendo o equivalente a um pequeno pênis, é a sua zona erógena. Em um segundo momento há uma troca de objetos e de zona erógena, em que a mãe deixa de ocupar o lugar de objeto de amor para a menina, o pai torna-se esse objeto escolhido por ela e a vagina transforma-se em uma nova zona erógena.

Inicialmente a menina atribui essa castração apenas a si mesma, a mãe é vista como fálica, será através da percepção da mãe como um ser também castrado e da decepção de não possuir o falo que se faz possível o abandono da mãe como objeto de amor, sucedendo a passagem para o pai como esse novo objeto, pontua Freud (1933/2018b). Portanto, há uma moção do seu desejo de possuir o falo que era destinado a mãe para o pai, acreditando que este pode lhe conceder o objeto tão desejado, assim, a menina se insere no complexo de Édipo.

Freud (1933/2018b) salienta que esse momento pré-edípico tem devida importância nos desenlaces da história da mulher e não deve ser deixado de lado, pois a ligação entre a mãe e a menina persiste mesmo após a deslocamento de objeto de amor para o pai, compreendendo que o ódio assumirá um lugar dentro da relação mãe-filha.

A ausência do pênis é interpretada como uma punição para a menina, gerando um sentimento de inferioridade. Diante disso, a menina atribui à mãe a responsabilidade por ter sido feita sem o objeto tão valorizado, ocasionando a inveja do pênis. Essa inveja possuirá grande influência dentro do desenvolvimento sexual feminino, além disso, a hostilidade na relação com a mãe será justificada por essa via.

Freud (1933/2018b) evidencia que o complexo de Édipo não vai ser completamente superado, todavia indica algumas possíveis saídas e resoluções do Édipo feminino; sendo elas tomadas em três direções: “(...) uma leva à inibição sexual ou à neurose; a seguinte, à alteração do caráter, no sentido de um complexo de masculinidade; e a última, finalmente, à feminilidade normal.” (FREUD, 1933/2018b, p. 256).

A última forma compreendida como a saída “normal”, corresponde a substituição do desejo pelo pênis, pelo desejo de um bebê, no qual o bebê assume a equivalência simbólica do falo. Então, Freud (1933/2018b) propõe que através do ser mãe será encontrada uma saída possível para sua questão com o ser mulher, recorrendo ao bebê para ocupar o lugar do falo tão desejado, recuperando, assim, o narcisismo que um dia foi perdido.

Freud não consegue responder a sua questão “O que quer uma mulher?”, o enigma permanece. A vista disso indica em seu texto “A feminilidade” (1933/2018b) que algo do feminino sempre escapará, destina a busca do conhecimento sobre o feminino na própria vivência, sinalizando a sua singularidade na experiência de cada sujeito.

1.2 O complexo de castração em Lacan

Lacan (1958/1998a) aponta que todo sujeito está referido a uma lógica fálica, seja pela angústia da perda ou pela “nostalgia do falta-a-ter”. O falo porta a significação da falta, exercendo grande importância na relação com o Outro. Lacan (1958/1998a) enfatiza que não há correspondência entre o falo e a anatomia, sendo o falo um elemento ordenador na vida psíquica, que cumpre uma função de ordem imaginária (cambiante inesperado que eterniza e oculta o real) e simbólica (função de significante).

Ao abordar o complexo de castração no seminário 4, “A relação de objeto”, Lacan (1956-1958/1995) introduz dois novos termos, a privação e a frustração, distinguindo as formas da falta e situando-as em conjunto com a castração. Para isso, ele retrata a relação do sujeito com a falta do objeto, estruturando-se como parte fundamental da constituição subjetiva do sujeito.

A noção de objeto utilizada por Lacan é a elaborada por Freud (1915/2016), o objeto perdido. Haveria um tempo mítico em que o sujeito teria experienciado a satisfação através de um objeto e, futuramente, estaria em busca dessa satisfação primeira em outros objetos, “a descoberta do objeto é, na verdade, uma redescoberta.” (FREUD, 1915/2016, p.143).

Assim sendo, Lacan (1956-1958/1995) ao falar da frustração posiciona a relação entre o Outro materno, o bebê e o falo, situando-a como um dano imaginário e a falta de um objeto real. Durante esse tempo, o Outro que ocupa a função materna está como um ser absoluto, é o

tesouro dos significantes, a criança é um ser de necessidade, estando investida de libido pelo Outro materno, ocupando o lugar de objeto de desejo.

Nesse momento, ocorre a primeira experiência de satisfação, há a satisfação de uma necessidade, na qual o bebê chora e esse Outro começa a nomear as demandas e tentar satisfazê-las. É importante ressaltar que o Outro materno ao responder o apelo da criança, o faz de um lugar não-todo, pois está marcado pela castração. Então, as demandas são nomeadas imaginariamente a partir de uma suposição inconsciente, tentando assim nomear as faltas da criança.

Logo, o bebê supõe imaginariamente que o Outro possui o objeto desejado, no entanto, esse objeto não é fornecido a ela, como é observado na dialética presença-ausência. O Outro materno surge como agente simbólico da frustração, “a presença-ausência é, para o sujeito, articulada no registro do apelo. O objeto materno é chamado, propriamente, quando está ausente - e quando está presente, rejeitado, no mesmo registro que o apelo, a saber, por uma vocalização.” (LACAN, 1956-1958/1995, p.68)

Isto posto, ao não responder a todos os apelos da criança, o Outro materno a priva da satisfação de sua necessidade, além disso, o Outro é privado da criança como objeto de seu desejo. É o pai imaginário que se interpõe nessa relação, sendo o agente da privação. Assim, por meio da inscrição da privação na relação entre o Outro materno e a criança, que se torna possível a simbolização do real (LACAN, 1957-1958/1999).

Lacan (1956-1958/1995) aponta que essa ausência como resposta do Outro materno diante da demanda da criança irá torná-lo real, transformando-se em uma potência. A criança percebe que os objetos que tem acesso dependem do Outro, assim, os objetos não são apenas de satisfação, são objetos de dom, advindo o objeto simbólico. Portanto, a frustração é de amor, compreendendo o dom como signo de amor, sendo assim, símbolo “daquilo que ele não tem, ou seja, o que chamamos de seu amor.” (LACAN, 1958/1998a, p.698).

Nessa perspectiva, Lacan aprofunda-se no seminário 5, “As formações do inconsciente”, acerca da questão do complexo de castração, para isso adentra ao mito do Édipo freudiano, distinguindo o complexo em três tempos lógicos. Ao fazer isso, dá continuidade ao raciocínio da metáfora paterna, acrescentando o desejo da mãe e o Nome-do-Pai como fatores significativos na constituição do sujeito.

Portanto, Lacan (1957-1958/1999) ressalta que é com o desejo do Outro materno que o bebê terá uma relação, na qual o bebê interroga-se sobre o desejo desse Outro. É nesse sentido que o bebê tenta se encaixar como objeto de desejo do Outro materno, logo, o bebê deseja o desejo desse Outro. E o que desejará esse Outro? Lacan (1957-1958/1999) sinaliza que o desejo é pelo falo, dessa forma, o bebê irá querer ser o falo.

Logo, através da dialética ausência-presença a criança tem notícias sobre o desejo de outra coisa vindo do Outro materno, apoiado nisso advém a entrada da função simbólica paterna, o Nome-do-Pai, promovido pela inserção da ordem simbólica. Dessa maneira, a proibição do pai simbólico em meio a relação bebê-mãe ocorre mediante a inserção de uma lei e de um limite imposto que irá intervir na posição de objeto de desejo do Outro materno, o qual a criança ocupa. Como expõe Lacan (1957-1958/1999), o cumprimento dessa proibição interrompe a alienação no desejo desse Outro. Destaca-se que é preciso que o Outro materno autorize essa intervenção:

É aí que aparece a instância paterna como metáfora do pai, quer dizer, aquilo no discurso da mãe que representa o pai: o Nome-do-Pai, significando para a criança que o desejo da mãe se encontra em outro lugar e que ela, por sua vez, também é submetida a uma lei. (QUINET, 2015, p.28)

Será por meio dessa operação que acontecerá a castração simbólica, ela denota haver uma falta no Outro e, por isso, ele está inscrito na castração. Acontece, pois, a significação fálica, ou seja, o falo assume o lugar de significante. O falo, como expõe Quinet (2015, p.25), “ele é o significante que permite simbolizar a procriação, as posições feminina e masculina na partilha dos sexos, o que estrutura o Inconsciente como uma linguagem ordenada pelas leis da metáfora e da metonímia”.

O falo como representante da falta constitutiva situa o sujeito no que tange o desejo. O desejo emerge como a diferença entre a satisfação da necessidade e a demanda de amor, pontua Lacan (1958/1998a), sendo o que fica em falta e marca o sujeito, colocando-o em movimento.

1.3 O não-todo feminino

No tocante à forma com que os sujeitos se posicionam diante do falo, a constituição da posição feminina depara-se com a questão não resolvida da nostalgia do falta-a-ter, como assinala Zalberg (2008). É pontuada como a ausência do pênis por Freud (1933/2018b), logo, Lacan (1972-1973/2008), ao aprofundar seus estudos acerca da sexualidade feminina no seminário 20, “Mais, ainda”, afirma que há, na verdade, uma ausência de significante no inconsciente que identifique a sexualidade feminina, por isso ela não estaria toda submetida à lógica fálica.

É perante isso que Lacan expõe seu aforisma “A mulher não existe”, pois ela não está toda inserida na lógica fálica, há algo que escapa à significação fálica. Nesse sentido, Zalberg (2008) salienta a falta dupla existente nas mulheres, existindo a falta constitutiva a qual os sujeitos estão submetidos, falta-a-ser; e a falta de significante da sexualidade para a mulher, sendo assim, não-toda.

Lacan (1972-1973/2008) introduz um novo sentido dentro da sexualidade feminina, acrescentando uma nova forma de gozo, além do gozo fálico; ele indica uma forma de gozo específico na posição feminina, o gozo Outro. Observa-se que independente do sexo o sujeito escolhe alguma posição. Para elucidar isso, apresenta a fórmula da sexuação através de um quadro, que exhibe a expressão dos semblantes masculino e feminino, as modalidades de gozo que figuram fórmulas matemáticas expostas como elementos lógicos pertinentes a organização do gozo fálico e do gozo Outro. Noutra construção também presente no quadro citado, o psicanalista também estipula os caminhos da fantasia que apresentam a ordenação da relação entre o sujeito e objeto assinalados na não-relação sexual.

Através disso, Lacan elucida o não-todo do feminino, consistindo também em um gozo que “a faz não toda” (LACAN, 1972-1973/2008, p.66), apesar de não estar de todo no gozo fálico, ainda tem acesso a esse gozo, sendo uma forma dupla de gozar. No entanto, existe algo para além desse gozo, “há um gozo dela, desse *ela* que não existe e não significa nada. Há um gozo dela sobre o qual talvez ela mesma não saiba nada a não ser que o experimenta - isto ela sabe. Ela sabe disso, certamente, quando isso acontece” (LACAN, 1972-1973/2008, p.80).

Então, é por meio do próprio testemunho que se sabe o que é ocupar a posição feminina, no uma a uma, ainda assim há algo que escapa, sendo o indizível do feminino que afirma a proximidade com o Real (TEIXEIRA, 2017). Nota-se a complexidade que envolve a posição

feminina e por ocupá-la, não havendo representação para a sua sexualidade, diante do impossível de ser dito, sendo uma “irremediável incompletude”, tal como coloca Miller (1998/2016, p.5).

Lacan (1972-1973-2008) aponta que a mulher está ausente de si mesma, diante dessa ausência Miller (1998/2016) fala de uma mulher que é dominada por ela, sendo essencialmente perdida, “é, assim, a inferior, a submissa, a obediente; é a massacrada por uma lei que se lhe impõe, aquela que passa sob o jugo. Sua queixa, sua reivindicação se alimentam, eventualmente, dessa posição” (MILLER,1998/2016, p.27).

É a partir dessa relação com íntima com o nada, do sentir-se nada, que Miller (1992/2010) destaca os semblantes, como uma forma encontrada pelas mulheres para tamponar o vazio que as permeiam. Portanto, Miller continua afirmando que diante da inexistência da mulher, é preciso que ela seja inventada, uma a uma, em sua singularidade, em busca de um saber-fazer com a sua feminilidade.

2 O AMOR COMO SIGNIFICANTE À FALTA FEMININA

Para entender quais enlaces o amor e o feminino apresentam, é preciso ater-se a famosa frase “o amor é dar o que não se tem” proferida por Lacan (1960-1961/2010, p.158) em seu seminário 8, A transferência. Sugere-se nessa sentença que se ama por meio de uma falta. Baseado nisso, Miller (1991/2010) expõe que o amor feminiza, o amor está marcado por uma falta assim como o feminino.

Ao tratar desse enunciado retoma-se a compreensão de que o complexo de Édipo feminino não é completamente superado e está longe de solucionar as questões que atravessam o feminino, deixando uma marca, o medo da perda do amor. Nesse sentido, considera-se que para a saída proposta por Freud de tornar-se mãe, no entanto, não há equivalência entre o ser mulher e o ser mãe, como discorre Kuss (2016, p. 250): “Tal entendimento nos leva a entender que se não há inscrição para a mulher no inconsciente, para a mãe, há. Dito de outro modo, se ‘A mulher não existe’, como diz Lacan, a mãe existe”. De acordo com Kuss (2016), existiria uma necessidade do reinvestimento narcísico sobre o feminino, tendo em vista a falta de significante para o feminino. Nessa perspectiva, ela aponta o amor como um modo de suplência narcísica.

Freud (1914/2010) desenvolve que o amor seria uma forma de restabelecer o narcisismo, tornando-se uma das vias que ele propõe o estudo do narcisismo. Assim, ele destaca duas formas de amar: a anaclítica e narcísica, estabelecendo uma diferença sexual entre elas. O amor do tipo anaclítico refere-se ao modo masculino de amar, em que há um empobrecimento da libido que passa a ser destinada para o objeto de amor, ocorrendo a supervalorização do objeto. No tipo narcísico, o modo característico feminino, há uma busca de si mesma no objeto amoroso, do que foi, do que gostaria de ser e do que foi parte dela. No entanto, Freud (1914/2010) ressalta que isso não é fixo, é possível que mulheres amem ao modo masculino e que homens amem ao modo feminino.

No que diz respeito ao modo narcísico, Freud (1914/2010) pontua sobre o forte desejo de as mulheres serem amadas, acima de amarem alguém. Quem vier ocupar esse lugar supõe-se destinar o mesmo amor que ela destina a si mesma, em outras palavras, é de grande importância o quanto são amadas. Kuss (2016) assinala que é pela via do amor que algumas

mulheres tentam encontrar uma resposta que dê conta da feminilidade. Essa vontade por uma resposta parte do dito por Lacan (1972-1973/2008, p.73) “aquele a quem eu suponho o saber, eu o amo”, supõe-se que o amante traz uma verdade sobre o amado, uma luz sobre o enigma de quem se é, como pontua Miller (2008).

A narrativa de Lóri aponta a demanda de uma nomeação, de alguém que diga/ofereça a verdade sobre ela, este alguém é Ulisses, a quem ela supõe um saber sobre si mesma.

(...) a mão subiu-lhe à garganta tentando estancar uma angústia parecida com a que sentia quando se perguntava ‘quem sou eu? quem é Ulisses? quem são as pessoas?’ Era como se Ulisses tivesse uma resposta para tudo isso e resolvesse não dá-la. (LISPECTOR, 2019, p.16)

Toda demanda é uma demanda de amor, afirma Lacan (1958/1998a), Lóri demanda ser amada. A demanda busca algo que dê conta do seu desejo, no entanto, não há objeto que possa dar conta da demanda, assinala Quinet (2003).

Zalberg (2008) expõe que o amor tem valor fático para a mulher, ou seja, o amor pode ser uma tentativa de suplência a essa falta. Lóri, ao querer Ulisses, quer o amor que a salve dela mesma, o amor que venha tamponar sua falta de significante, como discorre Kuss (2014), trata-se de uma tentativa de resposta ao desejo.

(...) Mas Ulisses, entrando cada vez mais plenamente em sua vida, ela, ao se sentir protegida por ele, passara a ter receio de perder a proteção. (...) Proteção seria presença? Se fosse protegida por Ulisses ainda mais do que era, ambicionaria logo o máximo: ser tão protegida a ponto de não recear ser livre: pois de suas fugidas de liberdade teria sempre para onde voltar. (LISPECTOR, 2019, p.17)

Palma e Jorge (2021) desenvolvem que ao demandar para um Outro, a falta vem como resposta, não existindo verdade para essa pergunta que Lóri anseia uma resposta, exceto a falta. A falta comunica a lembrança mítica do encontro com o objeto perdido do desejo, o objeto *a*, que foi um dia experienciado. Esta constitui a fantasia fundamental, discorre Jorge (2010), trata-se de uma fantasia de completude amorosa.

Todavia, Jorge (2019) sinaliza que há algo de estabilidade no amor através do aspecto imaginário, ocasionando uma sensação de completude frente ao sem sentido do real: “o amor dá sentido ao real, dá sentido a tudo aquilo que nos acossa durante a vida, seja de fora, de uma maneira violenta, traumática, seja de nosso próprio interior, do pulsional” (JORGE, 2019, p.78).

Perante essa demanda por resposta do enigma que permeia Lóri, Ulisses não responde, ele ocupa o lugar de mediador entre Lóri e o desejo o qual ela tenta tamponar. Assim, a parceria entre Ulisses e Lóri desenvolve-se lentamente, as carícias e o contato sexual, comuns de alguns relacionamentos, não estão presentes inicialmente, unicamente as palavras.

A parceria ocorre entre momentos de ausência e de presença, enfatiza-se as demasiadas ausências de Ulisses por meio da perspectiva de Lóri, marcadas por muitas queixas. Entretanto, serão essas ausências que colocarão Lóri em movimento.

(...) Lóri tinha medo de cair no abismo e segurava-se numa das mãos de Ulisses enquanto a outra mão de Ulisses empurrava-a para o abismo - em breve ela teria que soltar a mão menos forte do que a que a empurrava, e cair, a vida não é de se brincar porque em pleno dia se morre. (LISPECTOR, 2019, p.29)

É pela não resposta à demanda que o desejo pode circular, pontua Quinet (2003), que abismo é esse a qual Lóri se refere? Seria o abismo do desejo? Uma mão a segura e a outra a empurra, esta é a oposição entre o desejo e o amor.

O amor quando referido ao desejo escancara a falta, constata-se isso por meio do aforisma de Lacan: “a relação sexual não existe”, ou seja, dois não fazem Um. Aquilo que existe é a impossibilidade da complementaridade, o amor surge como suplência da inexistência da relação sexual, afirma Lacan (1972-1973/2008).

Se era a salvação que ela esperava de Ulisses, isso seria pedir tanto e tão grande que ele negaria? Ela nunca vira ninguém salvar o outro, então temia uma aproximação que só faria desiludi-la na confirmação que um ser não transpassa o outro como sombras não se trespassam. (LISPECTOR, 2019, p.39)

Compreende-se que o amor atesta a falta no amante e no amado. Lóri começa a ter notícias dessa falta através do sentimento que vai cultivando por Ulisses, teme que quanto mais forte fique a sua ligação com Ulisses, para ela fique claro que não há respostas nele, atestando a impossibilidade da complementaridade.

Lóri afirma: “Ela nunca vira ninguém salvar o outro”, rememora-se o dito por Lacan (1972-1973/2008, p.52), “*nós dois somos um só*. Todo mundo sabe, com certeza, que jamais aconteceu, entre dois, que eles sejam só um, mas, enfim, *nós dois somos um só*.”. Lóri sabe da impossibilidade de dois serem um, contudo, o amor vem como suplência disso. Em face dessa falta, ela vacila. Segundo Kuss (2014):

o amado não é completo e não completa o amante. Mas o amado é também faltante, idealizado e não para de mandar notícias de sua alteridade, o que muitas vezes acaba por impulsionar o amante a ir em busca de novos objetos, novamente cedendo ao deslizamento do desejo. (KUSS, 2014, p.85)

Lóri por vezes encontra-se em um dilema, cogitando voltar aos velhos hábitos tendo para isso que repetir suas relações supérfluas, e, assim, tentar não possuir ligação com Ulisses, ignorando a novidade para qual essa relação aponta. É custoso para Lóri sustentar o seu desejo, mas como é possível sustentar algo do qual ela não quer saber?

Não se pode perder de vista a oposição existente entre o desejo e amor; o desejo é por estrutura insatisfeito, caracterizado pelo deslizamento metonímico, ou seja, a busca pelo objeto que perpassa diversos objetos, pois o desejo é sempre desejo de outra coisa (QUINET, 2003). Já o amor parte de uma ideia de complementaridade, o amor aponta para o Um, indica Lacan (1972-1973/2008), se opondo a esse deslizamento do desejo.

Ferreira (2004, p.10) aponta que “desejar implica, num primeiro momento, o reconhecimento do desejo e, num segundo momento, o relançamento do que não se realizou em novas aspirações”, a busca por complementaridade visa tamponar o deslizamento do desejo. Contudo, “não há bússola para o amor, a não ser a bússola do desejo” (KUSS, BARROS, 2022, p. 114), o desejo faz fronteira ao amor, tendo em vista que o desejo é o advento da falta, será então o desejo que põe limite ao amor, afirma Teixeira (2017). O desejo vai de encontro com a demanda de complementaridade, impedindo que dois se tornem um, possibilitando assim os seus encontros e desencontros.

Teixeira (2019) destaca que a devastação é a consequência de amar na tentativa de tamponar o desejo, “(...) há amores que colocam em cena essa falta e amores que a denegam.”

(FERREIRA, 2004, p.14). Isso é apontado através do modo de gozo a mais das mulheres, o gozo Outro, tratando-se de um gozo sem limites. Lacan (1974/1993, p.70) sinaliza, “não há limites às concessões que cada uma faz para um homem: de seu corpo, de sua alma, de seus bens”, diante dessa oferta sem medidas, Miller (1998) fala de um parceiro-devastação.

A devastação seria a insistência pelo todo, afirma Teixeira (2017). Lóri flerta com a devastação através do “sem limites” do gozo feminino que a aproxima do real.

A própria Lóri tinha uma espécie de receio de ir, como se pudesse ir longe demais - em que direção? (...). Sempre se retinha um pouco como se retivesse as rédeas de um cavalo que poderia galopar e levá-la Deus sabe aonde. (...). Era um certo medo da própria capacidade, pequena ou grande, talvez por não conhecer os próprios limites. Os limites humanos eram divinos? Eram. Mas parecia-lhe que, assim como uma mulher às vezes se guardava intocada para dar-se um dia ao amor, que ela queria morrer talvez ainda toda inteira para a eternidade tê-la toda. (LISPECTOR, 2019, p.38-39).

Em seu aforisma: “só o amor permite o gozo condescender ao desejo” Lacan (1962-1963/2005, p.197) indica o possível caminho que Lóri fará através de Ulisses, sentindo-se convocada a encarar e abrir espaço para o seu desejo:

-Sou um monte intransponível no meu próprio caminho. Mas às vezes por uma palavra tua ou por uma palavra lida, de repente tudo se esclarece. Sim, tudo se esclarecia e ela surgia de dentro de si mesma quase com um esplendor. -Sim, disse Ulisses. Mas você se engana. Eu não dou conselhos a você. Eu simplesmente -eu- eu acho que o que eu faço mesmo é esperar. Esperar talvez que você mesma se aconselhe, não sei, Lóri (...). (LISPECTOR, 2019, p.50)

De acordo com Zalcberg (2008), o homem pode ser um mediador entre a mulher e a infinitude de seu gozo, enlaçando o gozo feminino através do amor, principalmente pelas palavras. Tal movimento se torna possível quando a mulher ocupa o lugar de objeto causa de desejo.

Segundo Miller (1991/2010), o amor se apresenta quando o Outro está barrado, ou seja, quando se verifica uma falta nele. É nesse sentido que Lacan (1962-1963/2005, p.199) assinala: “(...) só há desejo realizável implicando a castração. Na medida em que se trata de gozo, ou seja, em que é o meu ser que ela quer, a mulher só pode atingi-lo ao me castrar.”

Todos os encontros acontecidos entre Ulisses e Lóri exigem uma grande mobilização interna dela, esse em especial tem como cenário um clube de piscina. Lóri após receber uma ligação de Ulisses, convidando-a para encontrá-la no clube, separa um tempo para comprar um maiô novo para ir ao seu encontro. A ideia de estarem praticamente nus, um frente ao outro, estremece ela, exigindo grande esforço interno para que o encontro aconteça. Lóri deixa transparecer a relutância interna em seu modo de agir, sem olhar nos olhos de Ulisses, apenas o silêncio está presente. Até que Ulisses rompe o silêncio, critica-a por estar com vergonha de ter um corpo. Isso atinge Lóri, fazendo-a refletir a respeito de Ulisses desconhecer o esforço que ela havia feito.

(...) como é que explicaria a ele, mesmo que quisesse, e não queria, o longo caminho andado até chegar àquele momento possível em que suas pernas se balançavam dentro da piscina. E ele ainda achava pouco. Como explicar que, do longe de onde de dentro de si ela vinha, já era uma vitória estar semvivendo. Porque enfim, uma vez quebrado o susto da nudez diante dele, ela estava respirando de leve, já semvivendo. (LISPECTOR, 2019, p.64).

A partir desse choque, Lóri começa a refletir e vai se dando conta da sua mudança de posição diante de Ulisses e dela mesma, ao se permitir olhar para Ulisses, assumindo assim seu desejo por ele e sua capacidade de suportar seus sentimentos. Lóri dá um passo para o que será não a resposta para o seu desejo, mas sim, o desejo como forma de direcionamento em sua vida.

Ele não a entendera, e isso alegrou-a. Pois Lóri descobriu o que estava acontecendo com enorme delicadeza: aquilo que ela julgava ser apenas o seu olhar direto para Ulisses e para a realidade dele fora o primeiro passo assustador para alguma coisa. Ou ele percebera? Percebera, sentiu ela, mas sem saber do que se tratava, sentira que ela avançara e então quisera assegurá-la com a segurança de retomar o silêncio. (LISPECTOR, 2019, p.66).

3 O GOZO DE LÓRI ENLAÇADO PELAS PALAVRAS DE ULISSES

Anteriormente foi pontuado que o homem pode vir a ser mediador do gozo Outro feminino, Miller (1998) corrobora, serão as palavras de amor emitidas por ele. É através das palavras de amor ouvidas por uma mulher que o sem limite do seu gozo pode ser ancorado (KUSS, 2014). Miller (1998) elabora o termo parceiro-sintoma para referir-se a esse alguém que pode vir a ocupar o lugar de mediador do gozo, partindo do conceito de falasser elaborado por Lacan, sendo o que “ao unir sujeito e gozo, vivifica o corpo”, pontua Carvalho (2019, p.51).

A parceria sintomática refere-se a poder encontrar um modo de gozar através do Outro, como afirma Zalcberg (2010). Notamos a partir da fórmula da sexualização que descreve a partilha sexual, é possível observar os modos de tentar reaver o gozo perdido ao entrar na linguagem, através da fantasia (LACAN, 1972-1973/2008). É nesse sentido que a posição feminina corresponde ao lugar de objeto causa de desejo, objeto *a*, dentro da fantasia masculina, caracterizando o modo de amar como fetichista do lado masculino, constituindo o objeto *a* como mais-de-gozar (MILLER, 1998/2016). Lacan (1958/1998a) pontua que dentro da parceria não é suficiente que ocupem o lugar de objeto de amor, e sim, constituir-se como causa de desejo.

A possibilidade de ocupar o lugar de causa de desejo para o sujeito feminino, vem da demanda de amor infinita feminina, é por meio disso que ela consente ocupar esse lugar (TEIXEIRA, 2019). Quando não ocupa essa posição feminina, surge a posição histórica, a de recusa.

Do lado feminino, o parceiro masculino não irá ocupar o lugar de objeto *a* em sua fantasia, ele ocupa o lugar de Outro barrado, fazendo a mediação com o gozo fálico, ocasionando uma identificação fálica para ela e colocando um limite em seu gozo sem medida.

Nessa perspectiva, Lacan (1960/1998b) falava que o homem serve de conector para que a mulher se torne um Outro para ela mesma. Esse Outro para si corresponde a divisão entre a identificação fálica possível através do homem e o algo que está para além do falo que a localiza fora da lógica fálica, em outras palavras, a divisão entre o gozo duplo feminino. Será ocupando o lugar de objeto *a* que ela consegue se tornar Outra, a posição feminina (QUINET, 1995).

Lacan (1972-1973/2008) discute que o gozo Outro aponta para algo a mais, para além do falo, que “a mulher nada sabe” (LACAN, 1972-1973/2008, p.80). Pelo fato de ser não-toda, sobra algo de indizível, por isso sua aproximação com o real (MARCOS, 2011). No que remete a análise da personagem aqui apresentada percebe-se que Lóri está em busca de algo que tampone a falta de simbolização do feminino que a cerca, assim, percebe-se que ela busca a apreensão do todo, aproximando-se da devastação.

Ou não seria paz que ela queria o que ela queria? Sem poder, no entanto, impedir de quase já usufruir o que imaginava que acontecia depois de morrer - como encostara o corpo na terra, encosta-se toda até ser absorvida pelo Deus. Já quis estar morta, não porque não quisesse vida - a vida ainda não lhe dera seu segredo - mas porque ansiava essa integração sem palavras. (LISPECTOR, 2019, p.61.)

Zalberg (2008, p.144) discorre: “Quando a via da vontade de gozar é deixada livre, sem limite de alguma natureza, revela-se a sua face de pulsão de morte. É por aí que se manifesta o excesso feminino”. Como dito anteriormente, a tentativa de tamponar a falta, conseqüentemente, o desejo, aproxima a mulher da devastação, abrindo espaço para o sem limites do gozo feminino, em que não há direcionamento (BARBOSA, 2018).

Logo, Miller (1998, p.110) coloca que “o amor é tecido no gozo”, destacando a importância do amor com relação ao gozo feminino. Compreendendo o valor fálico que o amor possui para a mulher, ele de alguma forma pode vir a enlaçar o gozo que não tem limites. Zalberg (2008) discorre que a mulher demanda amor, demanda palavras de amor, que possam dar conta do infinito em que consiste o seu gozo. Miller (1998, p.110) afirma: “(...) e é preciso, fundamentalmente, que o parceiro seja A aquele ao qual falta alguma coisa, e que essa falta faz falar, lhe faz falar”. É possível verificar essa demanda por uma palavra de amor em Lóri:

“(...) só que hoje queria vê-lo e, apesar de não tolerar o mudo desejo dele (...)” (LISPECTOR, 2019, p.14).

As palavras de Ulisses irão servir de guia na aprendizagem de Lóri. Constitui-se assim o modo erotomaniaco de amar feminino. Diante da importância do amor para a mulher, Miller (1998) continua afirmando que não há gozo sem amor do lado feminino, dando destaque a fala como forma de gozo, principalmente quando se trata de uma palavra de amor. Entretanto, o amor está a partir de uma falta:

Essa exigência do amor repercute a estrutura inicial que colocamos, aquela de um certo menos. Isso supõe que o amor, do lado do ter, diz respeito a um objeto que não tem. Lacan sublinhou, de forma repetitiva, que, para que haja amor, há uma condição de castração. É por isso que Lacan podia dizer que, para uma mulher, o Outro do amor deve ser privado daquilo que ele dá (MILLER, 2016, p. 13).

Através dessa falta destaca-se a divergência da posição masculina, ao qual não demanda da fala para gozar, pois ele goza a partir da posição de objeto *a* que a mulher ocupa. Será então a partir desse lugar faltante que ele ocupa para a mulher, como Outro barrado, que ele irá falar. Zalberg (2008) aponta que são essas falas de amor do Outro, que facilitam a ocupação da posição feminina.

É por meio da palavra que se dará o amor, Miller (1998, p.112) reitera que é através da fala que a falta se presentifica, pois da linguagem algo sempre escapa: “(...) para amar é preciso falar; o amor é inconcebível sem a palavra, justamente porque amar é dar o que não se tem.” Zalberg (2008) explica que quando o homem ama, o faz de uma posição feminina, em que assume uma falta.

Desde sempre a palavra ocupou um lugar importante, envolvendo o sujeito, até mesmo antes do seu nascimento a palavra vinda do Outro marca a sua história, e continuará marcando ao longo de sua vida. É a palavra do Outro, tesouro dos significantes, que intermedia a relação com o mundo. As palavras são o que sustentam a parceria entre Lóri e Ulisses, a falta de contato físico é suprimida pelas palavras. A relação ocorre entre as palavras ditas e as não ditas, a

palavra de Ulisses possui um grande peso para Lóri, dentro da avalanche do gozo que a atravessa.

Lóri ligou o número de telefone: - Não poderei ir, Ulisses, não estou bem. Houve uma pausa. Ele afinal perguntou: É fisicamente que você não está bem? Ela respondeu que não tinha nada físico. Então ele disse: (...) Lóri: uma das coisas que aprendi é que se deve viver apesar de. Apesar de, se deve comer. Apesar de, se deve amar. Apesar de, se deve morrer. (...). Foi apesar de que parei na rua e fiquei olhando enquanto você esperava um táxi. E desde logo desejando você, esse teu corpo que nem sequer é bonito, mas é o corpo que eu quero. Mas quero inteira, com alma também. Por isso, não faz mal que você não venha, esperarei quanto tempo for preciso. (LISPECTOR, 2019, p.23)

Após as palavras ditas por Ulisses, Lóri dá espaço para a tranquilidade e vai ao encontro dele. Teixeira (2019) expõe que diante do real do gozo feminino, do indizível, a mulher busca significantes que a sustentem na ordem simbólica. Compreende-se isso diante da aproximação ao modo erotomaniaco de amar das mulheres e a loucura, essa loucura estaria referida ao amor sem medidas, explica Miller (1998/2016).

Reitera-se o amor como uma forma de enlaçar o gozo da mulher, as palavras ditas por amor. Nesse sentido, Zalberg (2008) aponta a dupla função do amor para a mulher, a de dar um significante que falta a ela e como um recurso perante a esse gozo desmedido, quando o parceiro ocupa um lugar na fantasia dela.

A narrativa acentua que os encontros com Ulisses são sem data, nem hora marcada, quando acontecem partem majoritariamente de uma iniciativa dele. Para Lóri é muito caro tomar a iniciativa de entrar em contato com ele, se decide tomar, advém daí uma grande relutância. Se as palavras de Ulisses têm efeito sobre Lóri, o seu silêncio também terá.

Por quê? Mas por que há mais de duas semanas Ulisses não lhe telefonava? Esperaria por acaso que ela lhe telefonasse? E à ideia de tomar iniciativa, a resposta lhe vinha áspera: jamais. Por que ele a abandonara? Seria para sempre? (...) Lembrava-se de que a última palavra dele, depois da Floresta da tijuca, fora “adeus”. (LISPECTOR, 2019, p.103).

A falta de palavras traz incerteza diante do caminho percorrido por Lóri, perante a tudo que já conseguiu enfrentar dentro de si, começa a temer que a falta de Ulisses bote tudo a perder. Demarcada pela dúvida, a falta começa a ser sentida por Lóri:

“(...) ela ainda estava tão frágil no mundo que quase desmoronou e quase voltou à estaca zero.” (LISPECTOR, 2019, p.107).

Torres (2012) pontua que as mulheres estão sempre em busca de serem amadas, serão as palavras um modo de confirmar isso, todavia, as palavras não dão conta da demanda infinita de amor, sempre há algo a mais; estando sempre às voltas com a questão, “ele me ama?”. Se as palavras são tão relevantes para a mulher, a falta delas pode ser atormentadora, é a vista disso que Zalberg (2008) fala em uma das versões da devastação.

Miller (1998/2016, p.16) apresenta a etimologia da palavra devastação (ravage), estando associada ao termo arrebatção: “O próprio verbo arrebat (ravir) é originado do latim popular rapire, um verbo que quer dizer ‘apreender violentamente’ e que derivou a palavra ‘rapto’: que se pega à força, que se arranca.”, sendo também relacionado a um estado de êxtase. Verifica-se essa sensação de arrebatamento durante os momentos em que Ulisses está ausente, em sua ausência, Lóri tende à devastação e sente isso em seu corpo; em uma prece a Deus pede:

“faze com que eu sinta que amar não é morrer, que a entrega de si mesmo não significa a morte e sim a vida” (LISPECTOR, 2019, p.108).

Por não poder ser expresso em palavras o gozo feminino, as palavras de amor podem dar sustentação a esse ser, que é não-todo, ancorando seu gozo, corroborando, Kuss (2014). Zalcberg (2008) afirma que além do gozo, o desejo também pode vir a ser acessado por via das palavras de amor, sendo “um dos propósitos do amor permitir que o gozo possa condescender ao desejo do sujeito até então desencaminhado.” (ZALCBERG, 2008, p.159).

De repente Lóri não suportou mais e telefonou para Ulisses: - Que é que eu faço, é de noite e eu estou viva. Estar viva está me matando aos poucos, e eu estou toda alerta no escuro. Houve uma pausa, ela chegou a pensar que Ulisses não ouvira. Então ele disse com voz calma e apaziguante: - Aguenta. Quando desligou o telefone, a noite estava úmida e a escuridão suave, e viver era ter um véu recobrando os cabelos. Então, com ternura aceitou estar no mistério de ser viva. (LISPECTOR, 2019, p.109).

Percebe-se então como a palavra de Ulisses tem efeito para Lóri, ao dizer “aguenta”, Ulisses faz cessar a aflição que Lóri vinha sentindo. As palavras de Ulisses tomam lugar de acalento para Lóri, em meio a sua dor, a possibilitando fazer amarrações diante da sua angústia de existir.

Em meio a esse cenário amoroso, vale salientar que, a palavra comporta uma falta, algo sempre escapará. É isso que envolve os encontros e desencontros do amor de dois saberes inconscientes, pois o amor para a psicanálise é contingencial, surge como suplência à relação sexual que não existe e que não cessa de não se escrever, como pontua Lacan (1972-1973/2008).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É nítido que apesar das formas de se posicionar diante do amor mudarem na contemporaneidade, ainda não se parou de falar de amor e, provavelmente, continuará movendo as pessoas a falarem e criarem através dele. Viu-se que é a inexistência da relação sexual que põe em movimento o amor, em virtude que o amor vem em suplência à falta, assinalada por meio da dialética entre o amor e o desejo. Sabendo que a inexistência da relação sexual não cessa de não se escrever, supõe-se que as palavras de amor e sobre o amor não terminarão tão cedo, pois as pessoas continuam querendo saber mais sobre ele, apesar dos seus desencontros e por causa deles.

Através da aposta na literatura como uma forma possível de elucidação teórica, por meio da brilhante narrativa construída por Clarice, explanou-se a trajetória percorrida por Lóri a partir dos seus encontros e desencontros com Ulisses. As suas angústias foram acolhidas nesta análise e pensadas como resposta à falta de significante para a mulher no inconsciente. Assim, tornou-se possível a compreensão dos modos que o amor pode vir a ocupar na trajetória de uma mulher.

Em meio à análise desenvolvida acerca da personagem Lóri, destacaram-se alguns caminhos que o amor pode vir a tomar no feminino, um deles seria como uma forma de busca pelo todo, inclinando-se a uma forma de devastação, tendo em vista o excesso que atravessa esse gozo Outro. A outra forma evidenciada, refere-se a um caminho possível a ser traçado através do amor, para atravessar o gozo desmedido e, assim, condescender ao desejo, como proposto por Lacan (1962-1963/2005), possibilitando um caminho em direção ao desejo e não a sua mortificação. Identificou-se também a importância da mediação das palavras para a

mulher, dentro da parceria amorosa, como uma forma de ancorar o seu gozo, quando ocupa a posição feminina.

A história de Lóri não se encerra ao final do livro, quando a sua relação com Ulisses se concretiza, Clarice finaliza a escrita com dois-pontos (:), indicando que algo continua na história de Lóri, restando à imaginação do(a) leitor(a) a resposta para a questão: “O que será de Lóri agora?”. Tal qual a estória de Lóri, mantém-se em perspectiva a contingencialidade do amor proposta pela psicanálise que nos faz desconstruir a ideia fixa e arriscada por trás do “felizes para sempre” e nos faz pensar que “o amor demanda o amor. Ele não deixa de demandá-lo. Ele o demanda...mais...ainda.” (LACAN, 1972-1973/2008, p.12). Portanto, entre os desencontros e encontros intrínsecos às relações, está a invenção possível que apenas singularmente, cada mulher, pode encontrar ao se deparar com o amor, apontando para um *savoir-faire*, diante da impossibilidade.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Marina. **Devastação feminina: a outra face do amor**. Orientadora: Dra. Susane Vasconcelos Zanotti. 2018. 106f. Dissertação (Mestrado) – Psicologia. Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2018.

CARVALHO, Ivy. **Os enlaces entre feminino, amor e a clínica psicanalítica**. Orientadora: Dra. Heloisa Caldas. 2019. 77f. Dissertação (Mestrado) – Pesquisa e clínica em psicanálise. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

DUARTE, Rinalda. **Um estudo psicanalítico da histeria em Freud e em Lacan**. Orientador: Dr. Renato Mezan. 2017. 115f. Dissertação (Mestrado) – Psicologia Clínica. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017.

FERREIRA, Nádía P. **Teoria do amor na psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

FREUD, Sigmund. A dissolução do complexo de Édipo. *In*: FREUD, Sigmund. **Obras completas, volume 16: o eu e o id, “autobiografia” e outros textos (1923-1925)**. São Paulo: Companhia das letras, 2011d. p.182-192.

FREUD, Sigmund. A feminilidade. *In*: FREUD, Sigmund. **Obras incompletas de Sigmund Freud: Amor, sexualidade, feminilidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 1933/2018b. p.313-345.

FREUD, Sigmund. A organização genital infantil. *In*: FREUD, Sigmund. **Obras completas, volume 16: o eu e o id, “autobiografia” e outros textos (1923-1925)**. São Paulo: Companhia das letras, 1923/2011a. p.150-157.

FREUD, Sigmund. A questão da análise leiga: diálogo com um interlocutor imparcial. *In*: FREUD, Sigmund. **Obras completas, volume 17: inibição, sintoma e angústia, o futuro de uma ilusão e outros textos (1926-1929)**. São Paulo: Companhia das letras, 1926/2014. P.99-172.

FREUD, Sigmund. Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos. *In*: FREUD, Sigmund. **Obras completas, volume 16: o eu e o id, “autobiografia” e outros textos (1923-1925)**. São Paulo: Companhia das letras, 1925/2011b. p.256-271.

FREUD, Sigmund. Introdução ao narcisismo. *In*: FREUD, Sigmund. **Obras completas, volume 12: introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)**. São Paulo: Companhia das letras, 1914/2010. p.9-37

FREUD, Sigmund. O Eu e o Id. *In*: FREUD, Sigmund. **Obras completas, volume 16: o eu e o id, “autobiografia” e outros textos (1923-1925)**. São Paulo: Companhia das letras, 1923/2011c. p.9-64.

FREUD, Sigmund. Sobre a sexualidade feminina. *In*: FREUD, Sigmund. **Obras incompletas de Sigmund Freud: Amor, sexualidade, feminilidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 1931/2018a. p.285-331.

FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. *In*: FREUD, Sigmund. **Obras completas, volume 6: três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (“o caso Dora”) e outros textos**. São Paulo: Companhia das letras, 1915/2016. P.143.

FREUD, Sigmund; BREUER, Joseph. **Obras completas, volume 2: Estudos sobre a histeria**. São Paulo: Companhia das letras, 1893-1895/2016.

JORGE, Marco Antonio Coutinho. **Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan, vol.2: a clínica da fantasia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

JORGE, Marco Antonio Coutinho. Só o amor pode fazer o gozo condescender ao desejo. **Reverso**, n. 77, p. 75-82, 2019.

KUSS, Ana Suy Sesarino. Feminilidade, amor e devastação: alguns pontos de encontro entre Freud e Lacan. **Psicologia Argumento**, v. 34, n. 86, 2016.

KUSS, Ana Suy Sesarino. **Amor e desejo: um estudo psicanalítico**. Orientadora: Dra. Nara Nadja Barbosa Pinheiro. 2014. 91f. Dissertação (Mestrado) – Psicologia Clínica. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014.

KUSS, Ana. Suy Sesarino; BARROS, Rita M. O desejo como bússola para o amor. **Psicanálise & Barroco em Revista**, J, v. 20, n. 1, p. 105–121, 2022.

LACAN, Jacques. A significação do falo. *In*: LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1958/1998a. P. 692-703.

LACAN, Jacques. Diretrizes para um congresso sobre a sexualidade feminina. *In*: LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1960/1998b. P. 734-748.

LACAN, Jacques. **Seminário, livro 10: a angústia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1962-1963/2005.

LACAN, Jacques. **Seminário, livro 20: mais, ainda**. Rio de Janeiro: Zahar, 1972-1973/2008.

LACAN, Jacques. **Seminário, livro 4: a relação de objeto**. Rio de Janeiro: Zahar, 1956-1958/1995.

LACAN, Jacques. **Seminário, livro 5: as formações do inconsciente**. Rio de Janeiro: Zahar, 1957-1958/1999.

- LACAN, Jacques. **Seminário, livro 8: a transferência**. Rio de Janeiro: Zahar, 1960-1961/2010.
- LACAN, Jacques. **Televisão**. Rio de Janeiro: Zahar, 1974/1993.
- LISPECTOR, Clarice. **Água viva**. Rio de Janeiro: Rocco, 1973/2019. P. 92.
- LISPECTOR, Clarice. O ovo e a galinha. *In*: LISPECTOR, Clarice. **Todos os contos**. Rio de Janeiro: Rocco, 1964/2016.
- LISPECTOR, Clarice. **Uma aprendizagem ou o livro dos Prazeres**. Rio de Janeiro: Rocco, 1969/2019.
- MARCOS, Cristina M. Considerações sobre o feminino e o real na psicanálise. **Psicologia em Estudo**. 2011, v. 16, n. 1, p. 149-156.
- MILLER, Jacques-Alain. Entrevista realizada por Hanna Waar. **Psychologies Magazine**, n. 278, 2008. Acessado em: <<http://www.lacan21.com/sitio/2021/05/30/entrevista-a-jacques-alain-miller/?lang=pt-br>>.
- MILLER, Jacques-Alain. Mulheres e semblantes II. **Opção lacaniana**, n. 1, 1993/2010.
- MILLER, Jacques-Alain. O amor entre a repetição e a invenção. **Opção lacaniana**, n. 2, 1991/2010.
- MILLER, Jacques-Alain. **O osso de uma análise**. Bahia: Biblioteca – agente, 1998.
- MILLER, Jacques-Alain. Uma partilha sexual. **Opção lacaniana**, n. 20, 1998/ 2016.
- PALMA, R. J. A. de P.; JORGE, M. A. C. A constituição subjetiva no grafo do desejo de Lacan. **Estilos da Clínica**, v. 26, n. 1, p. 160-179, 2021.
- QUINET, Antonio. **A descoberta do inconsciente: do desejo ao sintoma**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- QUINET, Antonio. As formas do amor na partilha dos sexos. *In*: JIMENEZ, Stella (org.). **A mulher, na arte e na psicanálise**. Rio de Janeiro: Contra capa livraria, 1995.
- QUINET, Antonio. **Édipo ao pé da letra: fragmentos de tragédia e psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.
- TEIXEIRA, Juliana. **Articulações entre a loucura “não-toda” das mulheres, a relação amorosa e o mito de Medeia**. Orientadora: Dra. Edilene Freire de Queiroz. 2017. 118f. Dissertação (Mestrado) – Psicologia Clínica. Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2017.
- TORRES, Mónica. **Amor, deseo y goce: Cada uno encuentra su solución**. Buenos Aires: Grama Ediciones, 2012.
- ZALCBERG, Malvine. **Amor paixão feminina**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.
- ZALCBERG, Malvine. Parcerias amorosas sintomáticas. **Reverso**, Belo Horizonte, v. 32, n. 59, p. 15-22, jun. 2010.

AGRADECIMENTOS

Ao começar a escrever esse trabalho, a parte mais esperada para mim foi esta, pensar em todos que fizeram possível esse caminho toca a parte mais sensível em mim. Percebi que pôr o amor em palavras é tarefa impossível, mas comecei a entender que é a partir da impossibilidade que se escreve.

A minha mãe, Luciene, que me deu tudo o que não tinha, com quem aprendi a amar e nunca esquecerei.

Ao meu irmão, Vinícius, pelo grande exemplo de dedicação aos estudos e por apostar tanto em mim, me orgulho em ser sua irmã.

Ao meu pai, Antônio (*in memorian*), que me faz compreender que o luto é o amor que permanece.

A minha tia, Lucilene, por todo carinho e cuidado.

Aos demais familiares, que me viram crescer e destinaram tanto amor para mim.

Ao meu orientador, Edivan, por aceitar o convite e acrescentar tanto ao meu trabalho, pela liberdade, carinho e respeito durante meu processo de escrita, és um exemplo para mim.

A professora, Jailma, por agregar tanto à minha formação através da transmissão da psicanálise, pela confiança e pela parceria durante esses cinco anos.

Ao professor, Thiago, por aceitar o convite e pelas contribuições ao meu trabalho.

As minhas amigas do colégio, Andréia, Bia, Carla, Flávia, Gabi, Laila, Letícia, Manu e Mari, por sempre acreditarem tanto em mim, vocês são mulheres inspiradoras.

Aos amigos que o curso de psicologia me proporcionou, em especial, Gustavo, Terê, Dani e Lisa, por todo amor, cuidado e apoio durante esse percurso, vocês tornaram tudo mais leve.

A minha psicóloga, Jéssica, pela escuta atenta e me ajudar a entender meu caminho dentro da psicologia, com você esse trabalho se tornou possível.

A Deus pelo seu infinito amor e cuidado.